

UH 1943  
RN nº 34

RUBEM BRAGA

## GOETHE E AS REVOLUÇÕES

**G**RATIFICO hoje meus leitores com um trecho das «Conversações com Eckerman», de Goethe:

«Sabia que tódas as revoluções nunca são culpa do povo, mas sim do governo. As revoluções são completamente impossíveis se os governos se mantiverem justos e atentos, e se periódicamente forem realizando melhorias em vez de se limitarem a uma posição que traz como consequência o aparecimento de tódas as necessidades.

Mas como odeio as revoluções, chamaram-me um amigo da ordem. Este apêdo tem um duplo sentido, e por isso o não aceito.

Se a ordem fôsse tudo quanto é bom e justo, estaria de acôrdo com ela. Mas como ao lado de muita coisa boa está também muito mal, muita injustiça e muita imperfeição, ser amigo da ordem significa muitas vêzes nada menos do que ser anacrônico e mau.

O tempo tem de se entender como um progresso constante e as coisas humanas têm, de cinqüenta em cinqüenta anos, nôvo aspecto, de modo tal que aquilo que em 1800 era uma coisa perfeita, talvez venha a ser em 1850 uma deformidade.

E também para uma nação, só é bom aquilo que vem do seu íntimo e das suas próprias necessidades, sem atenção às coisas de outrem. Porque aquilo que pode ser para um povo, em determinada época de sua história, um alimento são, pode ser para outro povo um verdadeiro veneno. Tódas as tentativas de introdução de novidades estrangeiras que não assentem suas razões no íntimo da própria nação são insensatas e tódas as pretendidas revoluções dessa espécie carecem de sucesso, visto que Deus, que se põe à parte de tais obras de fançaria, não está com elas. Mas se a verdadeira necessidade leva um povo a uma grande reforma, Deus está com ela e ela tem sucesso. Assim foi com Cristo e os primeiros apóstolos, porque o aparecimento de uma nova doutrina de amor era uma necessidade dos povos; assim foi também com Lutero, porque a purificação da doutrina, que a intolerância clerical desfigurava, não era menos desejada. Ambos os grandes movimentos citados não eram amigos do estabelecido; ambos estavam virilmente convencidos de que o fermento velho tinha de ser substituído e de que as coisas não podiam continuar com a mentira, injustiça e imperfeições que mostravam.

DN 24.7.68